

narrativa contemporânea sobre uma mulher tentando se equilibrar entre as questões domésticas e as necessidades profissionais. O filme se tornou o sétimo nacional mais visto desde o início do século.

No mesmo gênero, o segundo filme brasileiro mais prestigiado em 2011 foi *Cilada.Com*, dirigido por José Alvarenga Jr. e protagonizado pelo comediante Bruno Mazzeo. A fita insere um elemento moderno, um flagra que vaza na internet, para reciclar velhos clichês das variáveis amorosas, a famosa guerra dos sexos, perpetuando piadas óbvias, mas capazes de conquistar a atenção de mais de três milhões de brasileiros, que pagaram ingresso.

Caso bem mais especial, certamente um dos grandes marcos do ano, deu-se com *O Palhaço*, filme dirigido e protagonizado por Selton Mello, que divide as atenções na trama com o consagrado ator Paulo José. A película bebe na fonte de outro tipo do humor, mais lúdico, físico, bem servido de delicadeza e carisma, que atraiu cerca de 1,5 milhões de brasileiros. A obra alimenta a expectativa de carreira possível aos filmes de médio porte/orçamento.

Com uma carreira bem mais discreta nos cinemas, talvez apenas por entraves dos ditames mercadológicos, a comédia ligeira *Riscado*, de Gustavo Pizzi, é mais um dos filmes interessantes do ano, com sua história amparada numa atuação marcante da protagonista, a atriz Karina Teles, participação fundamental na exploração metalinguística do roteiro, que versa sobre as dificuldades cotidianas de uma atriz para se firmar na profissão.

Outro bom filme, que obteve ovação eufórica das plateias de festival, mas que cumpriu uma carreira tímida no cinema é *Elvis e Madona*, de Marcelo Laffitte. A fita se inspira no humor das chanchadas para atualizar as relações homem-mulher, diante das perspectivas da sexualidade na sociedade de nosso tempo. Típico caso de lançamento que não conseguiu explorar bem as possibilidades comerciais da obra.

MARCANTES

Ainda da seara dos festivais, pelo menos outros dois significativos filmes ganharam as salas de cinema. Um deles é a produção paulista *Trabalhar Cansa*, de Juliana Rojas e Marco Dutra, que marca estreias em longa-metragem bem promissoras, mesclando influências do cinema de gênero ao inserir elementos de suspense (medo do sobrenatural) num drama realista, alicerçado na vida urbana.

Eryk Rocha, obra que figura tranquilamente no rol dos evocados *filmes miúra*, supracitados, no que se refere à sua consistência autoral, mas que possui elementos de diálogo mais susceptíveis a uma comunicação com variadas plateias. A trama, em si, segue a tradição dramática do neorealismo italiano, versando sobre um personagem à deriva, enfrentando o fantasma do esquecimento, a partir de um evento concreto, o seu primeiro dia como homem aposentado (bela atuação do ator Fernando Bezerra).

Um subgênero do drama social brasileiro, a ambientação em favelas, também ganhou, em 2011, um digno representante: trata-se de *Bróder*, de Jeferson De. A fita estrelada por Caio Blat, Jonathan Haagensen e Silvio Guindane conta a diversa trajetória de três amigos de infância, que cresceram juntos na periferia paulistana, mas que cumprem destinos inconciliáveis na vida adulta.

Entre os documentaristas, o diretor João Jardim lançou *Amor?*, uma colagem de relatos de duras experiências amorosas, materializadas por narrações/intepretações de atores. O mineiro Sérgio Borges, por sua vez, colocou não-atores para representar suas vidas com *O Céu sobre os Ombros*, enquanto que o veterano Eduardo Coutinho estreou o seu mergulho afetivo na memória musical privada com *As Canções*.

Nesta vertente, aliás, que trabalha registro documental e música, o ano trouxe boas estreias. Entre elas, *Filhos de João* (sobre o grupo Novos Baianos), de Henrique Dantas, e *Daquele Instante em Diante* (sobre Itamar Assumpção), de Rogério Velloso. Por sinal, este último integrou o mesmo projeto que também viabilizou a produção de *Ex-Isto*, experimental do mineiro Cao Guimarães, que não poderia ser esquecida na lista das mais expressivas películas de 2011.

JOÃO CARLOS SAMPAIO É JORNALISTA E MEMBRO DA DIRETORIA DA ABRACCINE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE CINEMA.